

Entrevista SPDMov – Fevereiro de 2021

“À Conversa com...” com o Doutor João Massano, Médico Neurologista no Centro Hospitalar Universitário de São João e Investigador na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.



A medicina despertou-lhe interesse em que momento da sua vida?

Na verdade, numa fase relativamente tardia. Não sou dos que podem dizer que sempre sonharam em ser médicos desde pequeninos. Até ao 11º ano queria ser engenheiro, na área da electrotécnica ou informática. De repente as coisas mudaram, fruto de um evento de saúde de uma familiar próxima, felizmente sem consequências. Foi uma espécie de um “clique”. De forma muito natural, a partir daí, decidi enveredar pela medicina.

Quando decidiu ser médico neurologista?

Na primeira aula de Neurologia na Faculdade! Lembro-me como se fosse ontem: uma aula sobre funções nervosas superiores leccionada pela Professora Isabel Santana, com quem mantenho uma excelente relação pessoal e profissional desde esses tempos. Achei tudo aquilo fascinante desde o primeiro minuto - e até agora não me enganei.

O que foi determinante para abraçar esta profissão e especificamente nesta área da neurologia?

O trabalho e a dedicação foram fundamentais desde o ensino pré-universitário e durante o curso de Medicina. Tive um apoio extraordinário dos meus pais, que se esforçaram sempre para eu ter condições para poder estudar de forma tranquila e eficaz. E incentivaram-me permanentemente a perseguir os meus objectivos, tendo o cuidado de não me limitarem a autonomia e a liberdade intelectual. Já na Faculdade foi importante cruzar-me com as pessoas certas, as que nos entusiasma e marcam para sempre - tanto professores como alguns colegas. O corpo humano tem órgãos e sistemas fascinantes, mas rapidamente se tornou claro para mim que nada se compara ao cérebro e ao sistema nervoso - a sede do pensamento e comportamento humanos. No internato de Neurologia tive também a sorte de encontrar pessoas muito generosas e entusiasmadas, que me apoiaram e guiaram de forma decisiva. As escolhas que fui fazendo e o sucesso das mesmas acabaram por surgir naturalmente, fruto da sucessão destes ecossistemas tão favoráveis. Não posso dizer que acredite em fatalismos ou em “sorte” sem trabalho. No meu caso, no entanto, “que las hay, las hay”... estou muito grato a todos quantos me ajudaram.

Licenciou-se em Coimbra e trabalha no Porto. O que une e diferencia estas duas cidades portuguesas?

Uma pergunta difícil, sobretudo porque vivi em fases diferentes da minha vida numa e noutra, por isso corro o risco de ter uma visão comparativa enviesada. Gosto muito de ambas, mas têm um espírito diferente. Em Coimbra respira-se a Universidade e a tradição académica, a jovialidade e irreverência próprias dessa fase da vida. Infelizmente é uma cidade cujo sector produtivo tem decaído muito ao longo das últimas décadas, com grande repercussão na dinâmica económica e social. No entanto, Coimbra tem sabido criar unidades de ensino e investigação de excelência, o que muito favorece a matriz de conhecimento da cidade. O Porto tem uma dimensão populacional bastante maior, mas as pessoas também são calorosas e muito genuínas, por vezes até de forma surpreendente. É uma cidade extraordinariamente dinâmica, o grande pólo da economia local e regional (e até nacional), com uma oferta cultural excelente e um turismo muito dinâmico, pelo menos até ao aparecimento da actual pandemia COVID-19. Também aqui existem unidades de investigação e de ensino de topo - um ponto comum entre as duas cidades. Vivo no Porto há 15 anos e constatei que a evolução da cidade tem sido excepcional, com uma transformação muito positiva a vários níveis, incluindo o dinamismo e a segurança no centro da cidade. É um verdadeiro "case study" de evolução urbana. Para mim o Porto só tem um defeito: chove demais :)



Trabalha no Hospital de S. João. Como é o seu trabalho nesta grande unidade de saúde?

Muito variado e geralmente intenso, como acontece à maioria dos neurologistas por esse país fora. A maior parte da minha actividade é assistencial clínica: na urgência, no internamento, na consulta externa e interna, e no bloco operatório. Uma boa parte do meu tempo está dedicada às doenças do movimento e à estimulação cerebral profunda, mas mantenho actividade na área das demências e, fruto da organização do nosso trabalho, também muito na neurologia geral. Tenho colaborado estreitamente com a Direcção do Serviço de Neurologia na coordenação da

urgência de neurologia no Centro Hospitalar Universitário de São João (CHUSJ), e ainda com a Unidade de Investigação do Hospital, que detém várias responsabilidades, incluindo a criação e manutenção de condições para a realização de ensaios clínicos e outros projectos de investigação no CHUSJ. O ensino pré e pós-graduado é outra actividade do nosso dia a dia, bem como a investigação clínica, mas com muito menos dedicação a esta do que eu gostaria. Infelizmente, o nosso sistema e as nossas instituições de saúde não criaram condições nem têm flexibilidade suficiente para favorecer a realização de investigação de uma forma séria e sistemática - fazemo-la nos poucos “buracos” do nosso horário, fora de horas e por carolice. Os incentivos para fazer investigação são praticamente inexistentes para além da satisfação pessoal, e os obstáculos surgem a cada momento, mesmo nos grandes centros hospitalares universitários, cuja missão nesta vertente está ainda largamente por cumprir. A legislação que respeita aos Centros Académicos Clínicos, aprovada há quase dois anos e meio, carece ainda de aplicação prática no terreno.

É investigador na Unidade de Investigação e Desenvolvimento Cardiovascular da Universidade do Porto. O que investiga na atualidade?

Apesar do nome da Unidade as minhas áreas de investigação são sobretudo a doença de Parkinson e as demências, particularmente a doença de Alzheimer. Desde há alguns anos a esta parte desenvolvi também muito interesse pelas perturbações neurológicas funcionais, e tenho tentado desenvolver algum trabalho de investigação nessa área, especialmente em colaborações internacionais.



Tem mais de 80 artigos científicos publicados na área da medicina. O que destacaria mais neste seu trabalho?

Não é fácil apontar um trabalho ou um tema específico. Há artigos que têm importância especial pela qualidade da revista em que são publicados (por exemplo Lancet ou Lancet Neurology) ou pelo facto de ter havido um contributo especialmente inovador para a ciência (por exemplo, “A recurrent de novo mutation in KCNC1 causes progressive myoclonus epilepsy”, Nature Genetics 2015). Mas houve um trabalho recente que me deu uma satisfação muito especial. Foi publicado na Acta Médica Portuguesa, uma revista relativamente modesta, mas pela qual tenho um carinho particular, pois colaborei no corpo editorial durante alguns anos como Editor Associado. Este trabalho resultou da colaboração e do empenho de vários profissionais sediados em múltiplos centros pelo país fora e que desenvolvem actividade clínica e académica em várias áreas do conhecimento médico (“Consenso Português para o Diagnóstico e Gestão Clínica da Demência com Corpos de Lewy [PORTUGALE]”). É um exemplo do que deveria acontecer mais no nosso país: diálogo aberto e colaboração entre centros e entre profissionais. Infelizmente, num país tão pequeno, passamos demasiado tempo sem conversarmos nem colaborarmos uns com os outros, o que limita muito a projecção da investigação biomédica nacional no panorama internacional.

Como tem sido fazer medicina em plena pandemia? O que mudou na forma como interage os seus pacientes?

Tem sido um desafio com dimensões e contornos que nunca nos poderiam ter passado pela cabeça. Fomos obrigados a adaptações muito rápidas, dado que o embate inicial foi todo nesta região do país. Felizmente a liderança do CHUSJ actuou sempre de forma atempada e eficaz, com comunicação clara e implementação pragmática da estratégia institucional - um pouco ao contrário do que se passou a um nível mais global no país, na minha opinião. Nas primeiras semanas gerou-se um medo enorme nos doentes, que procuraram muito menos os cuidados de saúde, nomeadamente na urgência. Ainda hoje não sabemos completamente que consequências terríveis possam ter permanecido, mas sabemos já que o excesso de mortalidade em 2020 em Portugal é avassalador. Com o tempo acabámos por nos adaptar. Das consultas telefónicas iniciais voltámos, em poucas semanas, às consultas presenciais, com implementação de rigorosas medidas de protecção sanitária e uma organização melhorada. No internamento e urgência implementámos logo no início de março medidas muito importantes para impedir cadeias de transmissão internas, protegendo doentes e profissionais. Mais foi inevitável criar uma distância física muito maior entre toda a gente, e também entre nós e os doentes - o que é absolutamente contra natura na neurologia. Sentimos muitas vezes que nos falta tocar mais, sentir mais. E os doentes também sentem essa diferença, mas compreendem.

Também do ponto de vista pessoal e familiar fizemos grandes mudanças, até porque tínhamos muito receio de transportar o vírus para as nossas próprias casas. Tivemos de nos isolar de toda a gente fora do núcleo familiar - não estou com os meus pais, que vivem em Coimbra, desde há alguns meses... o doloroso afastamento durante o Natal foi apenas um pouco atenuado com o recurso à videoconferência. Criámos condições para os filhos terem aulas à distância, durante um dia inteiro nos seus quartos, dias e semanas a fio, e mantendo a nossa actividade profissional. Foi muito duro - e ainda é.

As doenças do movimento têm sofrido problemas adicionais devido a esta pandemia?

Assusta-me pensar que ainda não sabemos realmente qual foi o verdadeiro impacto de tudo isto nos doentes. Alguns deixaram simplesmente de comparecer às consultas, por medo. Nestes casos tentamos fazer o melhor possível através da comunicação telefónica - mas não é a mesma

coisa. Nas doenças do movimento é importante observar presencialmente e tocar para se obter um diagnóstico preciso. No entanto, a pandemia também trouxe benefícios: por exemplo, serviu para que finalmente se fizesse um esforço sério para desenvolver e implementar uma plataforma de telemedicina com vídeo que está actualmente em fase avançada de testes. Vai ser um instrumento muito útil para nós e para os doentes.



E nos tempos livres o que gosta de fazer?

Gosto muito de ler e de ouvir podcasts, sobretudo sobre história, política e economia. Ao fim de semana ando de bicicleta pela cidade do Porto sempre que posso. Ouço música erudita (particularmente Bach), jazz e pop/rock. Cada vez vejo menos televisão, mas os serviços de streaming oferecem actualmente séries de grande qualidade (“The Crown” e “Chernobyl” foram as melhores que vi em 2020). E, claro, brinco com os meus filhos e ajudo-os nos trabalhos de casa. Aliás, ambos aprenderam a andar bem de bicicleta durante o confinamento de março. E ganharam imenso gosto pela leitura depois de, no princípio do confinamento, lhes ter lido diariamente um livro de um dos meus autores favoritos, “O Hobbit”, para adormecerem - a ideia era mitigar receios em relação à pandemia e distraí-los desta mudança drástica de rotina, mas acabou por ter efeitos positivos adicionais.

O Congresso da SPDMov decorreu nos dias 16 e 17 de outubro de 2020. Como foi este evento?

Correu muito bem, sem dúvida! Não é nenhuma surpresa, apesar das circunstâncias, pois a comissão organizadora era de elevada craveira. O programa foi desenhado de forma exímia e a plataforma digital em que decorreu era muito interessante e inovadora. Para além disso os trabalhos apresentados foram de elevada qualidade, o que diz muito das capacidades dos participantes, incluindo os mais novos.

Tem sido um membro participativo, e já integrou outras direções da sociedade. Quais lhe parecem ser os maiores desafios que a SPDMov enfrenta?

Há vários desafios, desde a sustentabilidade financeira até à expansão e consolidação da comunidade que participa nas actividades da SPDMov. Mas penso que o maior de todos será a capacidade de criar laços com os doentes e as suas associações, e de estabelecer uma voz activa junto dos decisores políticos no sentido de conseguir influenciar a implementação de políticas que favoreçam os doentes e a sociedade em geral - como por exemplo, a definição racional de políticas de saúde ou a criação de estímulos para a investigação, desde a ciência fundamental à clínica.

A SPDMov tem realizado um trabalho consistente na procura de soluções para esta área. Tem feito bons “movimentos” porque...

A SPDMov conseguiu, nos últimos anos, gerar um enorme entusiasmo nos profissionais de múltiplas áreas do conhecimento e demonstrou capacidade de os reunir em torno de áreas de interesse comuns. Por outro lado, tem estimulado de forma ímpar as pessoas mais jovens, nomeadamente os internos de Neurologia, que frequentam as reuniões e apresentam trabalhos de extraordinária qualidade, ao nível do melhor que vemos em reuniões internacionais. A dimensão da assistência nas reuniões anuais e a variedade de proveniências profissionais atestam bem a vitalidade crescente da SPDMov, com excelentes perspectivas para o futuro.

SPDMov
01.02.2021